

A CRISTOLOGIA DE JOÃO CALVINO ¹

Rev. Nelson Celio de Mesquita Rocha*
Rio de Janeiro, Julho e Agosto de 1999.

CALVINO, João. *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*. Tradução: Rev. Dr. Waldyr Carvalho Luz. Casa Editora Presbiteriana, São Paulo, 1985. Volume II, Capítulos: VI-VII; XII-XVII. ²

CAPÍTULO VI ³

IMPÕE-SE AO HOMEM PERDIDO BUSCAR EM CRISTO, O ÚNICO MEDIADOR, A REDENÇÃO

O pecador somente é aceito diante de Deus, o Pai, mediante Cristo Jesus, o único mediador, pois o homem encontra-se poluído e corrompido pelo pecado, incapaz de salvar-se. A genuína ordem, a estrutura cósmica, seria a divina escola para que o homem pudesse agir com piedade; reconhecesse que existe um Deus que tudo criou, voltando os olhos somente para Ele⁴. Mas, o pecado afastou o homem do Criador, e ficou em profundo desespero. A mente se tornou cega, e revestido de ingratidão, com os sentidos todos depravados. Com isso, não dá a glória devida somente a Deus.

Deus, na sua infinita misericórdia, providenciou um meio pelo qual o homem pudesse ser salvo, visto que, como diz Paulo: *“Porquanto, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu a Deus através da sabedoria humana, agradou a Deus salvar aos que crêem, mediante a loucura da pregação”* (1 Co 1.21). Essa sabedoria de Deus é Cristo Jesus, o único Mediador, e a vida eterna se manifesta ao se conhecer o Filho de Deus, o enviado para salvar os pecadores (Jo 17.3). Isso compreende todos os séculos e não apenas a uma determinada época. Os homens não podem agradar a Deus sem a reconciliação promovida por Cristo, pois eles mesmos se tornaram alienados do Criador (Ef 4.18) e declarados malditos (Gl 3.10) e filhos da ira (Ef 2.3). Segundo Calvino, ao povo eleito Deus prometeu o Redentor, a fim de que o homem pudesse retornar à fonte, à verdadeira vida. Assim, Cristo é a verdadeira vida (Jo 11.25; 14.6). No Mediador, segundo João 1.12, os que O recebem, tornam-se filhos de Deus.

No Antigo Testamento a fé para a salvação já se polarizava em Cristo. O Mediador estava presente na propiciação, pela esperança da graça redentora ao povo antigo. Essa mediação foi consumada no Filho de Deus. Assim, a Igreja é um povo feliz, por ter sido embasada em Cristo. O apóstolo Paulo afirma que a semente de Abraão que abençoaria os povos era Cristo (Gl 3.14). A ação do Mediador era juntar todos os dispersos, pela graça que elege e que liberta da escravidão do pecado. Calvino contempla Cristo nos escritos veterotestamentários, bem como o seu senhorio. Assim se expressa: *“Uma vez*

¹ Trabalho em forma de resenha, para complementar a matéria de Cristologia ministrada no Seminário Teológico Presbiteriano do Rio de Janeiro pelo Rev. Nelson Celio de Mesquita Rocha.

* Mestre em Teologia Sistemática pela PUC-Rio e Professor do Seminário Teológico Presbiteriano do Rio de Janeiro, da Cadeira de Cristologia.

² Compreende as páginas 101-127; 230-300.

³ CALVINO, J. *As Institutas*. Volume II, São Paulo, 1985. Páginas: 101-108.

⁴ Calvino está se referindo à Revelação Natural, que era suficiente para o homem reconhecer que existe Deus e glorificá-Lo para sempre, mas o pecado fez com que esse homem ficasse cego, sem salvação.

*que Deus não pode ser propício ao gênero humano à parte do Mediador, disto já se faz bastante claro que, sob a Lei, aos santos Pais sempre lhes fora posto diante dos olhos Cristo, em Quem polarizassem a fé”.*⁵

Todas as promessas de libertação estavam contidas em Cristo, desde os escritos antigos⁶. Nas circunstâncias mais adversas, há a promessa de consolação; de modo especial se descreve o livramento da Igreja, em Cristo, onde o seu povo encontra a certeza da esperança que não vacila. Com seu Messias, saiu Deus para o livramento de Seu povo, diz Habacuque 3.13. Calvino vê o Cristo prometido nos profetas em todas as suas profecias e afirma que, “*a esperança de todos os piedosos não há sido depositada em outra parte que em Cristo Jesus.*”⁷

Neste momento, quando se apregoa haver muitos mediadores no contexto da pós-modernidade, Calvino reconhece à luz da Palavra de Deus, que não pode o homem achegar-se a Deus sem a mediação do Cristo vivo. Os olhos devem estar voltados apenas para o que Deus realizou através de Jesus Cristo, pois, na vinda do Redentor somente restava o penhor único da misericórdia do Pai. O próprio Cristo ordena aos seus discípulos que creiam nEle, para que hajam de crer em Deus distinta e perfeitamente (Jo 14.1). Logo, diante disto se apreende que a fé ascende de Cristo a Deus, o Pai. Deus é o objeto da fé, e a mediação única é o Messias. Portanto, não se pode olvidar que, o primeiro passo para a piedade é reconhecer que Deus é Pai, bem como nenhum conhecimento de Deus se dá à parte de Seu Filho Amado, pois, desde o princípio do mundo foi Ele posto diante de todos os eleitos, para que se pudesse ter confiança e esperança.

CAPÍTULO VII⁸

NÃO FOI DADA UMA LEI QUE EM SI RETIVESSE O POVO ANTIGO, MAS QUE FOMENTASSE A ESPERANÇA DA SALVAÇÃO EM CRISTO ATÉ A SUA VINDA

A Lei Mosaica não foi dada a fim de que pudesse separar o povo de Cristo por quatrocentos anos após a morte de Abraão, mas para que mantivesse suspensas as mentes até a Sua vinda; também, para que fossem despertados o desejo e a expectativa do povo, e que não esmorecesse por uma demora mais longa.

Calvino entende que a Lei não se restringe apenas aos Dez Mandamentos, o que prescreve o viver piedoso e justo, mas também a forma de religião por Deus transmitida pela mão de Moisés. Com relação aos sacrifícios, não tinham a intenção de ocupar a mente dos adoradores em exercícios terrenos, mas o que era mais alto lhes ocupasse a mente. O seu objetivo era a certeza de que em Cristo o povo fosse constituído reino sacerdotal a Deus (Êx 19.6), não por via de sacrifícios de animais, mas pelo maior e mais excelente (Hb 9.12-14). Destarte, Cristo é o real cumprimento da Lei, que a Ele conduz. Ele foi posto diante dos olhos do povo antigo como que em um duplo espelho. Paulo explica melhor este assunto dizendo que os judeus haviam sido mantidos como

⁵ CALVINO, J. *As Institutas*. Volume II, 1985, página 105.

⁶ Esses escritos são todos os livros do Antigo Testamento.

⁷ CALVINO, João. *As Institutas*. Volume II, São Paulo, 1985. Página 106.

⁸ *Ibidem*. Páginas: 109-127.

que sob a custódia de um *pedagogo* até que viesse a semente a cujo favor a promessa fora dada (Gl 3.24). Cristo ainda não havia sido dado a conhecer intimamente, porque eram os judeus semelhantes a crianças, cuja insuficiência não podiam ainda suportar o pleno conhecimento das cousas celestes.

As profecias de Isaías e Daniel, prometem haver de vir a serem expiadas todas as transgressões do povo rebelde com um único sacrifício (Is 53.5 e Dn 9.26-27). O sacerdócio levítico cessaria, e surgiria o de Cristo, para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque (Sl 110.4; Hb 5.6; 7.21). A postulação de Paulo é que “*Cristo é o fim da Lei para a salvação a todo o que crê*” (Rm 10.4); “*Cristo é o Espírito que vivifica a letra, em si mortífera*” (2 Co 3.6,17). Em Gálatas 3.19 Paulo ensina que a Lei foi promulgada por causa das transgressões, a fim de que humilhasse os homens, e fossem convencidos de sua condenação. Portanto, a Lei dizia que todos eram pecadores e estavam perdidos. Daí não poderem se salvar, mas somente pela graça de Deus em Cristo.

O homem diante da Lei se acha imperfeito para cumpri-la, pois é culpado. O que fazer? Perder o ânimo e ficar em confusão, caindo-se em desespero visto a condenação e a maldição (Gl 3.10)? É certo que nenhum homem pôde jamais cumprir integralmente a Lei, porque ela evidencia nossa deplorável condição de pecado. Antes, precisa ser curado de sua enfermidade básica que o afastou de Deus, o *orgulho*. Essa enfermidade é responsável pela degradação da humanidade; faz que o homem se coloque no lugar de Deus. A Lei é como um espelho, em que contemplamos nossa incapacidade, então, a iniquidade desta resulta, e por fim a maldição. Como o espelho, nos mostra as manchas de nosso rosto.

Os filhos de Deus não ficam em desespero diante da condenação da Lei, mas encontram nela um outro propósito: recorrer à graça divina. Sabem que estão debaixo da ira de Deus, destarte, buscam a misericórdia do Senhor em Seu Filho Amado. Em Cristo, Sua face brilha, cheia de graça e brandura, para com os pecadores, ainda que míseros e indignos. “*A Lei foi dada para que vos fizesse culpados; feitos culpados, temêsseis; temendo, buscásseis perdão e não vos fiásseis em vossas próprias forças*”.⁹

Para Calvino, a Lei também em sua função inibidora, restringe a prática do mal. É como um freio, coibindo a depravação daqueles que ainda não foram regenerados. Onde o Espírito de Deus ainda não impera, aí por vezes as paixões refervessem em tal medida que haja perigo de que a alma mergulhe no esquecimento e desprezo de Deus. E, se Deus não regenera aqueles que escolheu para fazerem parte do Seu Reino, faz com que permaneçam debaixo do temor até o dia de Sua visitaçào. Mas, eis o testemunho de quem foi alcançado pela graça de Deus, segundo Calvino: “*Ora, todos quantos viveram por algum tempo na ignorância de Deus confessam haver-lhes isso acontecido, que fossem contidos em certo temor e deferência de Deus pelo freio da Lei, até que, regenerados pelo Espírito, começassem a amá-Lo de coração*”.¹⁰

A vida dos próprios regenerados é iluminada pela Lei, que vigora em seus corações, pois o Espírito de Deus habita neles. A Lei do Senhor é gravada nos corações dos eleitos (Jr 31.33; Hb 10.16), com o propósito de obedecerem a Deus. É o melhor

⁹ Calvino tem como base para a sua doutrina em Agostinho, ao se referir à graça de Deus. Ver página 118 da Obra de análise.

¹⁰ CALVINO, J. *As Institutas*. Volume II, São Paulo, 1985, página 120.

instrumento de ensino para que aprendam cada dia, e com certeza maior, qual seja a vontade de Deus para suas vidas. A Lei de Deus não permite que haja inércia, assim, é como que um chicote, a fim de que o homem espiritual não fique parado. O Salmo 19.8-9 afirma a realidade da Lei do Senhor, que é perfeita e restaura a alma; é lâmpada para os pés e luz para as veredas (Sl 119.105).

Calvino trata da *função teleológica* da lei para o crente. O que significa? Tem um significado profundo, a começar pelo seu ensino às crianças (Dt 32.46-47). Os pais tinham de ensiná-las a guardar tudo o que estava escrito, a fim de pudessem viver para sempre. A Lei nos exorta à perfeição; a porfiar no que é mais proveitoso. *Quando testifica o Senhor que não viera para abolir a Lei, mas para cumpri-la, nem, até que se passem o céu e a terra, haver-se de deixar de parte da Lei um til, sem que tudo se cumpra (Mt 5.17-18), confirma Ele à saciedade que por Sua vinda nada haver-se-ia detraído da observância da lei. E com razão, uma vez que Ele veio antes para este fim: que lhe remediasse às transgressões. Por parte de Cristo, portanto, permanece inviolável o ensino da Lei, que, instruindo, exortando, reprovando, corrigindo, nos haja de plasmar e preparar para toda boa obra.*¹¹

Cristo é quem nos livra da maldição da Lei, através da Sua justiça e da remissão dos pecados daqueles que estavam debaixo dela, considerados malditos (Gl 4.5). Assim, recebem a adoção, e são chamados *filhos de Deus* pelos méritos de Jesus Cristo, que cancelou todas as dívidas pela sua morte e ressurreição: *“E vós, quando estáveis mortos pelos vossos delitos e pela incircuncisão de vossa carne, Deus vos vivificou juntamente com Ele, perdando-vos todos os delitos e cancelando o título de dívida que nos era adverso nos decretos, e o removeu do meio, pregando-o, na cruz”* (Cl 2.13-14). Isto significa uma riqueza inigualável, no sentido de que, em Cristo, a barreira da separação foi vencida. Judeus e gentios não vivem mais cada um com o seu muro de separação (Ef 2.14-15). Foi criado um novo homem em Cristo.

CAPÍTULO XII¹²

PARA QUE CRISTO DESEMPENHASSE A FUNÇÃO DE MEDIADOR, FOI NECESSÁRIO QUE SE FIZESSE HOMEM

Foi para nós de máxima importância que fosse tanto verdadeiro Deus quanto verdadeiro homem aquele que teve de ser o nosso Mediador. O homem por si mesmo, não poderia se achegar a Deus. Deus na Sua infinita misericórdia providenciou para nós o que era o melhor. Nós não podíamos nos achegar a Deus, visto as nossas iniquidades, que nos separavam da divindade. O Filho de Deus se tornou o *Immanuel*, isto é, *“Deus conosco”* (Is 7.14; Mt 1.23). Mesmo que o homem fosse sem pecado, haveria a necessidade de um Mediador, pois a sua condição era abjeta demais para que se achegasse a Deus sem Mediador. O apóstolo Paulo nos diz que *“Só há um mediador entre Deus e o homem, Cristo Jesus, homem”* (1 Tm 2.5). O Espírito Santo revela a divindade e a humanidade de Jesus Cristo através da Sagrada Escritura.

¹¹ Ibidem. Página 123.

¹² CALVINO, João. *As Institutas*. Volume II, São Paulo. Páginas: 230-240

Cristo, o celeste Mediador, assume, na encarnação, a natureza humana para a redenção da humanidade. O nosso firme apoio está no fato de que Deus se apropriou da nossa carne, dos nossos ossos, para que fosse um de nós; não relutou em assumir a nossa humanidade, e se tornou comum conosco, sendo Filho de Deus e Filho do Homem. Foi em tudo semelhante a nós, identificando-se conosco, e somente desta maneira podia ser o nosso Mediador único, a fim de que pudéssemos vencer o pecado e a morte, sendo garantida a nossa vida eterna.

Cristo é o penhor da nossa união com Deus. Na sua humanidade, sendo o Mediador, pôde ser obediente ao Pai em tudo, a fim de nos ensinar como agir semelhantemente. Em nosso lugar, com a nossa natureza, rendeu em nosso lugar, a Deus, a obediência e expiação que devíamos prestar, a fim de que apagasse a nossa culpa e aplacasse a justa ira do Pai. Assim, não teve outro propósito que a nossa redenção; restaurar o mundo decaído e socorrer os homens perdidos. Pelo seu sangue expiou os nossos pecados (Hb 9.22). Os profetas pregaram sobre Ele, que haveria de ser o reconciliador de Deus e homens. O castigo da paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras viria a cura (Is 53.4-5). Jesus foi o sacerdote que se ofereceu como vítima (Hb 9.11-12), e através de suas chagas muitos seriam curados; todos os desgarrados e extraviados seriam levados ao aprisco (Is 53.5.6). Nada há mais profundo senão que Cristo Jesus é o salvador dos perdidos. Destarte, está assim definido o propósito da encarnação: que Cristo se fizesse vítima e expiação para abolir-nos os pecados. O verdadeiro intercessor, que se interpõe entre Deus e os homens; o medianeiro para interceder.

Para Calvino, a tese de que a encarnação de Cristo poderia ter acontecido à parte da redenção humana é improcedente. Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, assim diz: “*O Pai nos elegeu em Cristo antes da criação do mundo, para que nos adotasse por filhos, segundo o propósito de Sua vontade, e nos houve por aceitos no Filho Amado em quem temos a redenção pelo Seu sangue*” (Ef 1.4-7). A encarnação estava nos planos de Deus por causa do pecado, que fez do homem um descompromissado com o seu Criador. Em relação ao texto paulino, Calvino entende que, certamente, não se pressupõe a queda de Adão como se a preceder ao decreto divino no tempo, mas se mostra o que Deus determina antes dos séculos, quando quisera trazer remédio à miséria do gênero humano.

Desta forma, Calvino combate a tese de Osiandro¹³, de que o homem foi criado à imagem de Deus, porque foi formado do segundo modelo de Cristo que haveria de vir, para que conformasse Àquele a quem o Pai já havia decretado encarnar-se. Segundo Osiandro, Cristo se encarnaria mesmo que o homem não tivesse pecado. Mas, Calvino rebate, e afirma que Cristo é a imagem do Deus vivo, que tudo se chegasse à glória do Criador a partir de Cristo Jesus. Se a Osiandro é permitido inferir que o paradigma primário da imagem de Deus tenha estado em Cristo homem, pela mesma razão, pode alguém contender que Cristo teve de assumir a natureza angélica, uma vez que também a eles pertence a imagem de Deus.¹⁴ É um absurdo o que ensinava Osiandro, que se o homem não tivesse pecado, manteria a sua própria imagem, e não a de Cristo. Mas, Paulo afirma ser Cristo o primogênito de toda criação (Cl 1.15).

¹³ Osiandro (1498-1552) foi pastor em Nuremberg. Para ele, o homem e os anjos seriam paradigmas para o Filho de Deus. É isso que Calvino refuta com toda a razão, na obra em análise. Calvino era um homem que não ficava sobre o muro, indeciso, mas desenvolvia o seu ensino, fundamentado na Sagrada Escritura, sem medo.

¹⁴ CALVINO, João. *As Institutas*. Volume II, São Paulo, 1985. Página 237.

CAPÍTULO XIII ¹⁵

CRISTO, VERDADEIRAMENTE SE REVESTIU DA CARNE HUMANA

A realidade da natureza humana de Cristo é percebida na Sagrada Escritura. Resta, portanto, verificar como Ele desempenhou as funções de Mediador, revestido da nossa carne. A natureza humana de Cristo foi impugnada pelos Maniqueus e Marcionitas, pois achavam que Cristo era apenas um fantasma; o sonhavam provido de um corpo celestial. Calvino lembra que a bênção não é prometida ou em uma semente celestial, ou em um espectro de homem, mas na semente de Abraão e Jacó. Nem é o trono eterno prometido a um homem etéreo, mas ao filho de Davi e ao fruto de seu ventre; “*foi feito da semente de Davi segundo a carne*” (Rm 1.3). A expressão *filho do homem* exprime claramente a humanidade de Jesus Cristo, segundo o que consta nos relatos da Bíblia. Não é com dúvida que Paulo diz “*haver Deus enviado Seu Filho nascido de mulher*” (Gl 4.4), e inúmeros, nos quais mostra haver Ele sido sujeito à fome, à sede, ao frio e a outras necessidades de nossa natureza. Assumiu, portanto, a nossa natureza, para que, na carne e no sangue, mediante a morte, destruísse aquele que possuía o poder da morte (Hb 2.14-16). Com Ele somos contados por irmãos (Hb 2.11). Fez-se semelhante aos irmãos, para que fosse misericordioso e fiel intercessor (Hb 2.17).

Calvino refuta a Márcion, que imaginava que Cristo se revestiu de um fantasma em vez de um corpo; também a Mani, que afirmava ser Cristo um ser angélico. Paulo chama Cristo de “*O Segundo Adão*” (1 Co 15.47), onde trata não de um ser angelical, mas do poder espiritual que, derramado por Cristo, nos vivifica.

Cristo, homem real, todavia, sem pecado, trazia unidas a divindade e a humanidade. Calvino achou um absurdo as teses na negação da humanidade de Jesus Cristo, refutando-as. Indo mais adiante em sua Cristologia, tratou da união das duas naturezas, a divina e a humana, sem nenhuma confusão.

CAPÍTULO XIV ¹⁶

COMO AS DUAS NATUREZAS DO MEDIADOR FORMAM UMA PESSOA ÚNICA

Do ventre da virgem Maria para si escolheu um templo que habitasse, e aquele que era o Filho de Deus se fez o filho do Homem, não mediante confusão de substância, mas mercê de unidade de pessoa. A divindade associada à humanidade, considerando cada natureza integral, dessas duas se constituiu um só Cristo (Jo 1.14). Calvino vê aí o mistério de Deus. Considera também, para ilustrar, o mistério do homem, composto de corpo e alma. Tanto um quanto o outro não se confundem: corpo é corpo; alma é alma. Mas, um comunica propriedades ao outro, formando, portanto, um só homem e não muitos. Assim, fala a Escritura a respeito de Cristo.

Atributos próprios de cada natureza e sua inter-relação na pessoa de Cristo são desenvolvidos nessa rica Cristologia. É preciso considerar a pré-existência de Cristo,

¹⁵ Ibidem. Páginas: 241-248.

¹⁶ Ibidem. Páginas: 249-259.

anterior a todos os séculos, porque já fora conhecido como Redentor, tanto no desígnio do Pai, como na mente dos piedosos. Paulo o proclama o “*Primogênito de toda criação*” (Cl 1.17). O próprio Cristo se predica haver sido glorioso junto ao Pai antes que o mundo fosse estabelecido (Jo 17.5), e que opera junto com o Pai (Jo 5.17). Segundo Calvino, isso de maneira alguma compete ao homem.

Quanto à natureza humana de Cristo, se verifica ser servo do Pai (Is 42.1); que se contempla nos relatos haver crescido em idade e sabedoria diante de Deus e dos homens (Lc 2.52); que não buscava a sua própria glória (Jo 8.50); que desconhecia o dia final (Mc 13.32); que não falava por si mesmo (Jo 14.10), e nem fazia a sua própria vontade (Jo 6.38), etc. Isso é da humanidade somente.

Em relação à *comunicação de idiomas* ou de *propriedades*, Calvino argumenta que, aquele que foi verdadeiro homem, derramou seu sangue pela humanidade, na natureza humana, sem, contudo transferir propriedades à natureza divina. Mas, a natureza divina supria a natureza humana, assim, não podia pecar, entretanto, formava uma só pessoa realizando a obra do Pai. Destarte, em Cristo, as duas naturezas não se fundem, sem se separam, mas são unidas e distintas. Calvino rechaçou as teses de Nestório¹⁷ e de Eutiques¹⁸. Nestório separava as naturezas de Cristo, e Eutiques negava a realidade da natureza humana de Cristo.

Calvino também refutou a postulação de Serveto, que ensinava ser o Filho de Deus, de início uma idéia, e já então foi preordenado como homem que seria a imagem essencial de Deus. De início, foi engendrada em Deus a vontade de gerar o Filho, a qual se Lhe estendeu também em ato à própria criação. Para Serveto, Cristo era apenas uma representação.

CAPÍTULO XV¹⁹

OS OFÍCIOS DE CRISTO: O MÚNUS PROFÉTICO, A REALEZA E O SACERDÓCIO

Para que saibamos o propósito pelo qual Cristo foi enviado pelo Pai, é preciso verificar os seus ofícios.

1. O múnus profético de Cristo.

Deus jamais deixou o seu povo sem ensino proveitoso e que fosse suficiente para a salvação, assim, todas as mentes piedosas tiveram essa certeza. Finalmente, tal ensino encontrou a sua plenitude na vinda do Messias. Nos últimos tempos Deus falou através

¹⁷ CALVINO, João. *As Institutas*. Volume II, 1985, São Paulo. Página 424, notas. Nestório, patriarca de Constantinopla, sustentava a absoluta separação das duas naturezas em Cristo. O seu ensino passou a ser denominado de *nestorianismo*. Foi condenado como herege no Sínodo ou Concílio de Éfeso, de 431, por injunção, sobretudo de Cirilo de Alexandria.

¹⁸ Ibidem. Eutiques, monge de Constantinopla, levou a posição crítica ao extremo e, praticamente, negou a realidade da natureza humana de Cristo, o chamado *eutiquianismo*. Foi condenado por heresia no Concílio e Sínodo de Constantinopla, de 448. O Concílio de Ecumênico de Calcedônia, de 451, condenou a Nestório e a Eutiques, formulando o celebrado Credo de Calcedônia, que registra a cristologia havida por ortodoxa.

¹⁹ Ibidem. Páginas: 260-268.

de Jesus Cristo, o Seu Filho (Hb 11.1,2). Sabe-se que, os Profetas sempre mantiveram a Igreja sob expectativa, e ao mesmo tempo sustentou-a até a vinda do Mediador, pois nele estaria iminente a plenitude e conclusão de todas as revelações.

O título *Cristo* diz respeito aos três ofícios do Senhor Jesus, pois sabemos que sob a Lei, foram ungidos com óleo sagrado os *profetas, sacerdotes e reis*. De onde também foi imposto o título de *Messias* ao nosso ilustre Mediador prometido.

A doutrina de Cristo é na sua perfeição o fim de todas as profecias. Deus se expressou no Evangelho dizendo: “*Este é o meu Filho Amado, ouvi-O*” (Mt 17.5). O apóstolo Paulo registrou com toda propriedade, que “*nada considerarei valioso conhecer, exceto Jesus Cristo, este crucificado*” (1 Co 2.2). O que é mais valioso é o ensino do Evangelho em sua simplicidade sobre a verdadeira sabedoria, cujos elementos se concentram na Pessoa de Cristo Jesus.

2. O múnus real de Cristo.

O Reino de Cristo é um reino espiritual e eterno. Os textos da Escritura que aludem a esse ofício, mostram essa realidade de maneira clara e objetiva: Dn 2.44; Lc 1.33; Sl 89.35-37. Mas, essa eternidade pode ser compreendida sob dois pontos de vista: um, diz respeito a todo o corpo da Igreja; o outro é própria de cada um de seus membros. A Igreja é a testemunha da ressurreição de Cristo, o povo constituído por Ele e para Ele; é seu povo protegido e sustentado perpetuamente por Ele, de sorte que permaneça incólume por entre turbulências e agitações de que é constantemente assediado.

Sendo o reino de Cristo eterno, logo somos partícipes dessa eternidade. Isso contrasta com tudo o que é da terra, porque é passageiro. Portanto, para os céus se eleva a nossa esperança e Cristo declara que seu reino não é deste mundo (Jo 18.36). O reino de Cristo é espiritual, o qual nos transporta para uma vida melhor por Sua graça.

Qual o proveito de estar a Igreja sob o reinado de Cristo? Qual o sentido da realeza de Cristo para conosco? É porque o seu fruto se patenteia para além da vida presente. O proveito não se restringe a coisas exteriores, de sorte que somente levemos vida alegre e tranqüila, floresçamos em riquezas e estejamos livres de todo o mal. Pelo contrário, consiste no que é próprio da vida celeste. Cristo reina mais para nós do que para si mesmo, por isso, somos mais que vitoriosos diante das forças do mal. Destarte, isso contempla a resposta de Cristo aos fariseus, que o Reino de Deus está dentro de nós, não haverá de vir mediante sinais externos (Lc 17.20-21). O Reino de Deus é justiça, paz e gozo no Espírito Santo (Rm 14.17). Mediante estas palavras somos sucintamente ensinados que o Reino de Cristo nos **confirma**. O Reino de Cristo não é carnal ou, sujeito à corrupção, mas espiritual. Sabemos também, que o nosso Rei nunca nos deixará à mingua.

A natureza e a extensão do ofício real de Cristo é visto da seguinte forma: é o Reino que se situa no Espírito, não em terrenos gozos ou pompas, e, daí, para que sejamos seus partícipes, ao mundo se tem de renunciar. O Pai deu todo poder ao Filho, para que, por sua mão, nos governe, nutra, sustente, sob seu cuidado nos proteja, e nos auxilie. Assim sendo, está determinado na Escritura que, Deus é o Cabeça único da Igreja, porque as funções de Seu Filho amado na defesa da Igreja serão cumpridas. A Igreja sempre reconheceu ser Cristo o Senhor, que tem domínio sobre todas as coisas. Ele é o

Rei que reina divinamente, porquanto para isso se revestiu de Mediador, aproximando-se de nós.

3. O múnus sacerdotal de Cristo.

Calvino apresenta o ofício sacerdotal de Cristo mediante três características fundamentais, para uma melhor compreensão por parte do estudante de Cristologia: *expição, reconciliação e intercessão*.

Cristo é o Mediador limpo de toda mancha, que por sua santidade, a nós nos concilie com Deus. Para que pudesse desempenhar o seu múnus sacerdotal, foi necessário apresentar um sacrifício. A Lei dizia que o sacerdote não podia adentrar o santuário sem sangue (Hb 9.7), para que soubessem os fiéis que, não podia Deus ser propiciado, a não ser expiados os pecados.

Só a Cristo compete a dignidade do sacerdócio, porque pelo sacrifício de sua morte, apagou nossa culpa e fez satisfação pelos nossos pecados. Constituiu-se o nosso intercessor, pelo auxílio de quem conseguimos favor. Por isso temos confiança diante da oração, a tranqüilidade das nossas consciências piedosas, enquanto, em segurança nos reclinamos na paterna indulgência de Deus Pai.

Cristo exerceu a função de sacerdote com a finalidade de nos reconciliar com Deus. Ele nos torna favorável e propício, nos admitindo na participação de tão grande honra, ainda que sejamos depravados e não mereçamos a sua consagração e santificação (Jo 17.19).

CAPÍTULO XVI ²⁰

COMO CRISTO CUMPRIU AS FUNÇÕES DE REDENTOR PARA QUE NOS ADQUIRISSE A SALVAÇÃO, ONDE SE LHE TRATA DA MORTE E RESSURREIÇÃO E DA ASCENSÃO AO CÉU

Cristo é o redentor e salvador, para que nEle busquemos justiça, libertação, vida e salvação, uma vez que estamos condenados, mortos e perdidos em nós mesmos. Pedro assim se expressa na Escritura: *“outro nome não há debaixo do céu que tenha sido dado aos homens no qual importa que sejamos salvos”* (At 4.12). O nome JESUS foi trazido dos céus por um anjo, cujo significado é SALVAÇÃO (Mt 1.21). Ele é o nosso Salvador.

Os homens se tornaram inimigos de Deus por causa do pecado e merecedores da ira divina. São todos nascidos para a condenação da Gehena. ²¹ Destarte, considerados malditos, mas a ira de Deus foi superada pela misericórdia que se polarizou em Cristo Jesus. Em Cristo são todos reconciliados, recebidos na comunhão com Ele (Cl 1.21-22). É desta maneira configurado que à parte de Cristo o pecador está debaixo da ira de

²⁰ CALVINO, J. *As Institutas*. Volume II, São Paulo, 1985. Páginas 269-293.

²¹ *Gehennae*. A tradução é inferno.

Deus. Mas, em Cristo é pleno de amor. Somente passamos a ter plena e firme união com Deus depois que Cristo a Ele nos une.

Uma vez que, fomos nascidos para a condenação da Gehena²², face ao pecado, e não que tenhamos essa marca por causa de Deus, pois o Senhor nos criou para a vida. Mesmo na condição de pecadores, Deus nos aceita por Sua misericórdia e graça. Essa aceitação e união somente se realiza por meio de Cristo. Calvino lembra que, à luz da Palavra de Deus, o Senhor nunca deixou de amar-nos, ainda que vivendo em rebeldia. Ele nos amou desde a fundação do mundo (Ef 1.4).²³ O começo do amor de Deus por nós não se iniciou pelo derramamento do sangue de Seu Filho, mas antes da fundação do mundo, para que fôssemos seus filhos com o Seu Unigênito. Entretanto, é de fundamental importância saber que, a nossa redenção foi consumada mediante a obediência e morte vicária de Cristo. É como escreve Paulo: “*pela transgressão de um, muitos foram constituídos pecadores, assim, pela obediência de um, somos constituídos justos*” (Rm 5.19). Desde que Cristo se revestiu de servo, começou a pagar o preço de nossa libertação a fim de redimir-nos. João Batista proclamava que Ele havia de tirar os pecados do mundo, porquanto era o Cordeiro de Deus (Jo 1.29). Cristo realizou esse sacrifício de livre querer, servindo à justiça do Pai, sendo obediente até à morte, pode dar descanso às nossas consciências aterrorizadas, assumindo a pessoa de um mediador único.

A cruz era maldita não apenas na opinião humana, mas também por decreto da Lei divina (Dt 21.23). Logo, Cristo se faz sujeito à maldição por nós, fazendo um sacrifício expiatório para que tivéssemos vida. O Filho de Deus, absolutamente limpo de toda mácula, revestiu-se de nossas ignomínias, de nossas iniquidades, nos cobrindo de Sua pureza, condenando o pecado em Sua carne.

Cristo foi morto e sepultado, e isso está incluído nas palavras do Credo Apostólico. Esse sepultamento é a identificação conosco, porque morremos e fomos sepultados, mas o Filho de Deus venceu a morte, para que tenhamos direito à ressurreição. Dá-nos Ele o livramento da morte a que havíamos sido sujeitos e mortificação de nossa carne.

Calvino trata da procedência e legitimidade da inserção e especificidade do artigo “*desceu em Hades*” no Credo. Há muitas interpretações quanto à descida ao “*hades*”²⁴. Ninguém há que dos patrísticos não deixe de citar em seus escritos a descida de Cristo às regiões infernais, ainda que o seja com diversas interpretações. Para Calvino, o Credo é a afirmação de nossa fé, e tudo o que nele se contém, foi extraído da mais pura Palavra de Deus.

O que quer dizer a expressão “*desceu ao hades*”? Certamente, Calvino contesta os que pensam ser uma descida para libertar os justos ali aprisionados. É uma fábula encerrar as almas dos mortos em um cárcere, considerada pueril. Sobre a passagem de 1 Pedro 3.19 onde ele diz que Cristo veio e pregou aos espíritos que estavam em uma “*torre de observação*”, que traduzem comumente como *prisão*, o próprio contexto nos conduz à reflexão de que os fiéis que haviam morrido antes deste tempo haviam sido

²² Consta na nota da página 432 das *Institutas*, Volume 2 o seguinte: *Gehennae. of hell* - do inferno. Assim, também, *der Hölle*, CR prefere: al inferno.

²³ Pode-se verificar a Predestinação ou a Eleição de Deus.

²⁴ Segundo o que consta na nota da página 434 das *Institutas*, Volume 2: *ad inferos*, lit.: *às profundezas; lugares inferiores; aos infernos*.

co-participes conosco da mesma graça, pois que Pedro daí amplia o poder da morte de Cristo, que haja ela penetrado até os mortos, enquanto as almas piedosas hão gozado da visão atual dessa visitação, que haviam ansiosamente esperado.

A descida ao hades é expressão dos tormentos espirituais que Cristo sofreu em nosso lugar, segundo Calvino. Ele foi ferido por causa de nossas transgressões; foi esmagado por causa de nossas enfermidades (Is 53.5). Cristo sofreu os mais terríveis tormentos de um homem condenado e perdido. Esta, porém, foi a verdadeira demonstração de Sua imensa misericórdia: não fugir à morte de que tão brutal se receava. Cristo, portanto, orando com lágrimas e forte clamor, é ouvido por Seu temor, não para que seja isento da morte, mas para que não seja dela tragado como um pecador, pois que ali representava a nossa pessoa. Cristo suportou o peso da severidade divina, porquanto foi afligido e ferido pela mão de Deus, experimentou os sinais todos de um Deus irado e punitivo.

Calvino aborda também o significado soteriológico da Ressurreição de Cristo, uma vez que na cruz, morte e sepultamento de Cristo nada se mostra senão fraqueza, todas estas cousas têm de ser ultrapassadas pela fé para que se revista ela de pleno vigor. Temos na Sua morte a firme consumação de nossa salvação, onde foi removida a maldição e de todo paga a pena, somos declarados regenerados para uma viva esperança, não somente através da morte de Cristo, mas mediante a Sua ressurreição (1Pe 1.3). Assim, a vitória da nossa fé se assenta na Ressurreição de Cristo Jesus. O poder de Deus se patenteia na ressurreição. Destarte, o mesmo que morreu, ressuscitou e aparece perante Deus por nós, como nosso Mediador (Rm 8.34).

Essa ressurreição, não sem causa, se liga a ascensão ao céu, pondo Cristo a sua glória em exercício para a nossa redenção. Ele está assentado à direita de Deus Pai, intercedendo por nós. Está investido no governo do céu e da terra, entrando Ele solenemente na posse da administração a si confiada. Logo Ele é Rei. Assim, estar assentado significa presidir sobre o tribunal celeste. Com a Sua ascensão nos abriu caminho para o céu; abriu o Senhor o acesso ao reino celestial, que através de Adão havia sido fechado. Reitera-se, portanto, que Cristo é o nosso advogado constante e intercessor (Rm 8.34; Hb 7.25; 9.11-12). Ele levou cativo o cativo (Ef 4.8) e, despojou os inimigos, cumulando o seu povo de riquezas espirituais. Transfunde o seu poder espiritual, nos vivificando, para que nos santifique com seu Espírito, para que exorte a sua Igreja com variadas prendas de suas graças.

O Cristo que ascendeu aos céus voltará no final para julgar a humanidade. Ele descerá em forma visível, da mesma maneira que subiu (At 1.11) e aparecerá a todos com inefável majestade, com imenso poder da Divindade, com uma comitiva de anjos (Mt 24.30; 25.31; 1 Ts 4.16). Daí nos prescreve aguardá-lo como nosso Redentor até aquele dia em que separará os cordeiros dos cabritos, os eleitos dos réprobos (Mt 25.32-33). Os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida, os que houverem de ser remanescentes serão com Ele arrebatados ao encontro do Senhor no ar (1 Ts 4.16-17).

Calvino, portanto, afirma sobre Cristo Jesus três pontos fundamentais: 1) Cristo é o centro absoluto do Credo; 2) Ele é o objeto único da nossa fé; 3) É Ele o tesouro exclusivo das riquezas de nossa salvação.

CAPÍTULO XVII²⁵

CORRETA E APROPRIADAMENTE SE DIZ HAVER CRISTO MERECIDO A GRAÇA DE DEUS E A SALVAÇÃO POR NÓS

Os méritos de Cristo e a graça de Deus não se excluem, nem muito menos se conflitam. A mais luminosa luz da predestinação e da graça é o próprio Salvador, o homem Cristo Jesus. É através desta graça que o homem se faz cristão desde o início de sua fé. Deus nos amou primeiro e enviou o seu Filho para propiciação pelos nossos pecados (1 Jo 4.10). Deus estatuiu o modo da reconciliação. Aquele que não havia cometido pecado, Ele O fez pecado por nós, para que fôssemos justiça de Deus nEle (2 Co 5.21). Por sua obediência Cristo adquiriu e mereceu-nos a graça divina. A morte de Cristo foi vicária, em nosso lugar, concedendo plena satisfação à justiça de Deus em nosso favor (1 Jo 1.7). A sua morte foi o preço de nossa redenção, de onde auferimos perdão, justificação e vida para sempre.

²⁵ CALVINO, João. *As Institutas*. Volume II, São Paulo, 1985. Páginas: 294-300.